

**A AUSÊNCIA DE UM DISCURSO AMOROSO NAS
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: O
CASO NOÉMIA DE SOUSA**

**THE ABSENCE OF A LOVING SPEECH IN AFRICAN
LITERATURES IN PORTUGUESE: THE CASE NOÉMIA DE SOUSA**

**LA AUSENCIA DE UN DISCURSO AMOROSO EN LAS
LITERATURAS AFRICANAS EN LENGUA PORTUGUESA: EL
CASO NOÉMIA DE SOUSA**

*Roseleine Vitor BONINI**

Resumo: Partindo do pressuposto de que existe uma ausência do discurso amoroso nas literaturas africanas de língua portuguesa, esse texto tem por objetivo refletir sobre quais os aspectos que estariam relacionados com essa não-presença. Para tanto, resolvemos investigar a obra da escritora moçambicana Noémia de Sousa (1926 – 2002) e utilizamos como suporte teórico a obra “Fragmentos de um Discurso Amoroso” (1977), de Roland Barthes. Para a consecução do objetivo, apontamos para o contexto de guerra de libertação, que talvez sugerisse para os autores engajados do período que aquele não seria o momento mais adequado para se proferir uma fala sobre o amor.

Palavras-chave: Noémia de Sousa. Moçambique. Discurso amoroso.

Abstract: Assuming that there is an absence of love discourse in African literatures in Portuguese, this paper aims to reflect on which aspects are related to this non-presence. Therefore, we decided to investigate the work of the Mozambican writer Noemia de Sousa (1926 - 2002) and used as theoretical support the work “Fragments of a Loving Speech” (1977), by Roland Barthes. To achieve the goal, we point to the liberation war context, which may suggest to the authors engaged that the period would not be the right time to give a speech about love.

Keywords: Noémia de Sousa. Mozambique. Loving speech.

Resumen: Suponiendo que hay una ausencia de amor en el discurso en las literaturas africanas de lengua portuguesa, este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre qué aspectos se relacionan con esta falta de presencia. Por lo tanto, decidimos investigar la

* Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de São Paulo (USP), na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Contato: roseleinevitorbonini@gmail.com.

obra del escritor mozambiqueño Noémia de Sousa (1926 - 2002) y se utiliza como soporte teórico la obra “Fragmentos de um Discurso Amoroso” (1977), de Roland Barthes. Para lograr el objetivo, señalamos para el contexto guerra de liberación, lo que puede sugerir para los autores que se dedicaran en ese período que ese no sería el momento adecuado para dar un discurso sobre el amor.

Palabras clave: Noémia de Sousa. Mozambique. Discurso amoroso.

Fazendo um percurso literário através de obras que ajudaram na formação de um imaginário amoroso ocidental e pensando se esse discurso amoroso sofreu transformação ao longo do tempo, chegamos à conclusão que este discurso pouco se modificou, consagrando enunciados e formas que perduram até hoje. Na literatura, que possui o poder de proporcionar outros saberes de mundo e assim o faz em vários sentidos, o discurso amoroso aparece cristalizado.

Porém, nas literaturas africanas de língua portuguesa, notamos não uma modificação deste discurso, mas sim uma ausência, com raríssimas exceções situadas na literatura mais contemporânea. Esse fenômeno, no mínimo curioso, merece ser desdobrado em algumas questões, como pensar com que processos poderia estar relacionados essa não-presença do discurso amoroso.

Roland Barthes em *Fragmentos de um Discurso Amoroso* (1977), fala sobre o que ele chama de “extrema solidão” do discurso amoroso na modernidade em relação a outras formas de discurso. “Trata-se de um discurso proferido por quase todos mas sustentado por ninguém” (BARTHES, 1977) e que não interessa em nenhuma medida ao campo da ciência ou da linguística. É através de recortes de várias obras que o autor fala sobre caminhos possíveis do discurso amoroso, dando suporte à sua hipótese de que o discurso é constituído de fragmentos de um todo. O discurso amoroso surge como discurso cortado de toda ligação com outros discursos, e muitas vezes, até com o real. Dessa forma, é possível suspeitar que a ausência do discurso amoroso nas literaturas africanas de língua portuguesa esteja relacionada com essa falta de contato com a realidade, no caso, com o contexto histórico de guerra de libertação. Vejamos como essa ausência se dá na obra da moçambicana Noémia de Sousa. Para tanto, contextualizemos historicamente o período em que a poeta produziu seus textos.

Carolina Noémia Abranches de Sousa (1926-2002) viveu numa situação histórica de profundas transformações sociais e políticas, não só em Moçambique, como em toda a África e, em maior ou menor grau, em todo o mundo. Em sua obra, Noémia de Sousa tem um projeto literário que se alia a suas militâncias preocupadas em evidenciar o lugar que o negro ocupa no mundo.

Os problemas econômicos mundiais desse período desestabilizaram as políticas tendo como uma das consequências a facilitação de ascensão de governos fascistas em todo o mundo. As nações colonizadoras, numa tentativa de enfrentar a crise econômica, intensificam políticas de extração de riquezas do território africano. Entretanto, empregam uma humilhação e crueldade na realização de seus projetos, que disparam sentimentos de resistência ao colonialismo em diversos países da África, que desembocaria na guerra de independência de várias colônias. Movimentos mundiais de fundamentação e valorização da identidade negra e africana, como o pan-africanismo e a Negritude, colaboravam na construção de uma identidade nacional nos países africanos, aumentando a resistência. Os movimentos pró-independência que surgiram nas colônias portuguesas, foram duramente reprimidos pela ditadura salazarista. Nesse contexto de luta de libertação, a construção de uma identidade nacional para os países africanos passava necessariamente por uma negação do repertório cultural europeu e a busca de uma outra forma de dizer. Em Moçambique, a luta de libertação também foi travada no campo ideológico, tendo como suporte a arte. Nesse contexto, Noémia de Sousa fez parte de grupos intelectuais de influência marxista que, através de sua arte, pretenderam influir no mundo à sua volta, transformando-o.

O panorama da educação moçambicana, no início do século XX é marcado por um reduzido número de escolas com a maioria da população analfabeta; as escolas, em geral, eram destinadas aos homens, havendo nítidas diferenciações entre os sexos, as etnias, as raças e as divisões entre as classes, causando desigualdade acirrada em termos de oportunidade educacional. Em Moçambique, o fato de as mulheres deixarem muito cedo a escola, devido a diversos fatores como maternidade ou casamentos precoces, compromete a sua presença especialmente nas instituições de formação de professores,

quer como estudante, quer como formadora ou gestora (PEREIRA, 2010, p. 95).

Nesse contexto, Noémia de Sousa é apresentada como uma exceção, uma evidência da presença da mulher negra no surgimento da literatura moçambicana. Foi alfabetizada aos quatro anos pelo pai, que convivia com personalidades animadas por ideias de progresso. Cresceu na cidade, escreveu desde criança jornais com seus irmãos e aos 16 anos começou a fazer o curso de comércio (SAÚTE, 2001, p. 12).

Os poemas de Noémia de Sousa, foram publicados em jornais e reunidos em livro em 2001. A coletânea *Sangue Negro* é composta por 47 poemas organizados em seis sessões: *Nossa Voz*; *Biografia*; *Munhuana*; *Livro de João*; *Sangue Negro*; *Dispersos*. Os poemas, carregados do sentimento de resistência ao colonialismo, foram arranjados nessas sessões de acordo com a temática e não na ordem em que foram publicados nos jornais, porém, estão todos datados, o que permite uma pesquisa partindo da ordem de publicação. O eu-lírico clama por mobilizar a outras vozes (o que caracteriza o eu-lírico expandido dos poemas de Noémia), por meio de um discurso de combate social, denunciador da precariedade socioeconômico e da exploração colonial.

Depois de uma leitura atenta dos poemas, optamos por pensar o poema “Poema para um amor futuro”, que talvez seja o que mais se aproxima, como o próprio nome sugere, de um poema que fale sobre o amor. Esse poema foi colocado na segunda sessão *biografia*, mas foi publicado depois de 34¹ outros poemas, bombásticos para a época, construídos com uma linguagem poética de protesto e de caráter de denúncia.

Depois de tantos poemas engajados, esse é o primeiro e o único poema que carrega a palavra “amor” no título e o único momento que a autora fala sobre a relação amorosa entre duas pessoas. Parece a resposta a um possível questionamento sobre a decisão de não escrever poemas de amor. Nota-se um reconhecimento da existência de

¹ Noémia publicou somente 47 poemas em toda a vida, sendo que 45 entre 1948 e 1951.

um discurso amoroso, idealizado, porém constata-se a impossibilidade da prática do dizer esse amor.

Vejamos o poema:

POEMA PARA UM AMOR FUTURO

Um dia

- não sei quando nem onde -

Das névoas cinzentas do futuro,

Ele surgirá, envolto em mistério e magia

- o homem que eu amarei.

Não será herói de livro de fantasia,

Príncipe russo

Actor de cinema

Ou milionário com saldo no Banco.

Não.

O homem que eu amarei

Será tal qual eu, no fundo.

Suas mãos, como as minhas,

Estarão calejadas do dia a dia

E seus olhos terão reflexos de aço

Como os meus.

Sua alma será irmã minha

Com a mesma angústia e o mesmo amor,

Com o mesmo frio ódio e a mesma esperança.

E do seu pescoço estará suspenso, como do meu,

O marfim do mesmo amuleto.

Ah, ele será humano, como eu,

e da mesma seiva generosa.

Completamente humano e verdadeiro

- que só assim eu o poderei amar.

E só será perfeito quanto a nossa condição o permitir,

Para que sajam na vida o que ela nos pedir:

Companheiros,

Juntos na mesma barricada,

Lutando num mesmo ideal.

Ah, sim,

Quando a paz descer sobre o campo de luta,

Poderei enfim
Dar-me completamente.
Minha alma, finalmente,
Poderá encher-se como um búzio, damúsica do luar
E do murmúrio do mar.
E meu corpo adubado de ânsias,
Abrir-se-á à charrua do seu desejo,
À semente do seu amor.
Serei então irmã gêmea da Terra,
Carregando em mim o mistério da vida,
Machamba aberta à chuva benéfica
E ao sol fecundo do seu amor.
E quando em mim se fizer o milagre,
Quando do meu grito de morte
Surgir a vitória máxima da vida,]
Ah, então eu estarei completa.

Mas só depois da paz descer sobre o meu campo de luta,
Antes disso, não.
Antes, seremos companheiros da mesma obra,
Operários construindo o nosso mundo.
Por isso, amor que não conheço,
Nada mais me peças enquanto não for terminada a obra.
Enquanto ela durar,
Não poderei ser tua completamente,
Porque me deí, inteira,
A este sonho que tudo pouca.
Para ti irão apenas os breves momentos de tréguas,
O calor que me sobrar da fogueira de todos.

Mas quando da noite desumana
Surgir a manhã que construímos, lado a lado,
Quando nossa Mãe África nos estender seus pulsos libertos
Quando a calma descer sobre a casa que edificamos,
Então seguiremos, na luz clara desse Sol maravilhoso,
Nosso destino natural de Homem e Mulher
E dos seus gritos de morte
Nossos filhos poderão nascer então,
Num mundo de justiça.

Para meu amor futuro, que me completará,

Para esse amor distante
Escrevi este poema.
Que tu o leias um dia, amor que não conheço,
Quando me surgires, embrulhado em mistério,
E minha alma e meu corpo
Palpitarem de reconhecimento – és tu!
Que aquele que amarei o leia
E me leia, neste poema que lhe escrevi.

Neste poema, o eu-lírico admite e reconhece a existência de uma fala sobre o amor, porém assume que existe uma impossibilidade de se proferir esse discurso nesse momento, adiando o surgimento desse dizer para um “futuro” que ainda é envolto em “névoas cinzentas”, ou seja, um futuro onde não se definem contornos ou limites, um futuro incerto.

Podemos pensar que essa incapacidade de enunciação se relaciona ao contexto de guerra, de libertação, que causaram um mal-estar da sociedade colonial não permitindo a presença desse conjunto de enunciados. A poética de Noémia de Sousa e de outros escritores desse período é predominantemente engajada, tratando de questões do coletivo. Não trata de questões subjetivas. As produções desse período, tem como tema exclusivo questões da nação e de valorização da cultura negra. O grupo de intelectuais do qual Noémia faz parte, é um grupo envolvido com a construção de uma identidade nacional e o discurso nacional é um discurso próprio do masculino. Noémia sabe intuitivamente que proferir nesse momento palavras de amor, poderia comprometer a imagem de si mesma diante de seus companheiros de luta e da ideia de nação que se quer construir. Os companheiros deveriam se enxergar como iguais, serem “tal qual eu”, e unidos como “companheiros juntos na mesma barricada, lutando num mesmo ideal”. As temáticas que seriam mais subjetivas foram adiadas para outro momento mais oportuno, talvez quando “nossa Mãe África nos estender seus pulsos libertos”. O que ainda estava muito distante de acontecer, pois a tão ansiada “paz” que deveria “descer sobre o campo de luta”, não veio com a independência e o território de Moçambique se tornou palco de uma violenta guerra civil, adiando ainda mais a possibilidade de emergência de um discurso amoroso.

O eu-lírico dos poemas de Noémia, se recusa a falar de si como o sujeito apaixonado identificado por Barthes. Para Barthes o enamorado é alguém que fala de si, mesmo na presença de um outro (BARTHES, 1977, p. 1). As *figuras* (gestos do apaixonado em ação) contidas em *Fragmentos de um discurso amoroso* não são encontradas na obra de Noémia, nem mesmo no poema que carrega a palavra amor no título.

Noémia, como intelectual do seu tempo e detentora de um saber que não é comum, sabe que não é o momento para falar de amor. Além disso, enunciar um discurso amoroso, significava recorrer as tradições poéticas e culturais ocidentais e metropolitanas. Pois, Segundo Laurent Jenny, os discursos são feitos de vários outros textos anteriores, se cruzando e gerando novos sentidos. É a intertextualidade, fora da qual uma obra se tornaria incompreensível. “Só se apreende o sentido e a estrutura de uma obra literária se a relacionarmos com os seus arquétipos - por sua vez abstraídos de longas séries de textos” (JENNY, 1979, p. 5). Porém, num contexto de guerra de libertação dos países africanos, havia todo um movimento de ruptura com as formas consagradas pela cultura ocidental. E para um outro modo de dizer o amor, nesse momento, não há um repertório que possibilite a similaridade anterior capaz de permitir a enunciação. Noémia parece ter uma percepção intuitiva de que simplesmente ignorar a existência do discurso amoroso não fosse o melhor meio de deslegitimar essa forma. Talvez seria melhor não utilizar-se dessas fontes, de forma consciente, clara, sem deixar de reconhecer a sua existência, porém se recusando a proferi-lo.

Concluindo: Na obra de Noémia de Sousa, em meio a tantos poemas engajados, surge um poema que fala de um amor, mas é um “amor futuro”. Esse discurso não pode ser caracterizado como o discurso amoroso de Barthes. É o momento de outros discursos emergirem com outros espaços. As prioridades nesse momento são outras, relacionadas com a luta de libertação. Adia-se a enunciação desse amor, para quando dize-lo, tentar dizer de outra forma. Esse amor que “não será herói de livro de fantasia, príncipe russo, actor de cinema ou milionário com saldo no banco”, pois ele tem que ser outro. Noémia, demonstra ter a consciência de que um novo discurso, de um novo espaço deve conseguir dizer o amor de uma forma diferente do

discurso imposto pelo colonizador. Pois só assim, só quando se conseguir dizer “eu te amo” de outro modo, se terá conseguido efetivamente a descolonização.

Referências

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução de Hortência dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

JENNY, Laurent. **A estratégia da forma**. In: Intertextualidades. Tradução da revista Poétique número 27. Lisboa: Almedina, 1979.

PEREIRA, Erica Antunes. **De missangas e Catanas**: A construção social do sujeito feminino em poemas angolamos, cabo-verdianos, moçambicanos e são-tomenses. São Paulo: USP, 2010.

SAÚTE, Nelson. Noémia de Sousa: a mãe dos poetas africanos. In: SOUSA, Noémia de. **Sangue Negro**. Maputo: AEMO, 2001.

SOUSA, Noémia de. **Sangue Negro**. Maputo: AEMO, 2001.

Recebido em: 31 de maio de 2016

Aceito em: 15 de julho de 2016